

## De leitor a curador de informação: rumo à leitura social

Giselle Beiguelman<sup>1</sup>

A cada reviravolta da indústria de informática, reacendem-se as esperanças de uma nova era editorial. Na verdade, ela já começou faz tempo; desde que a internet se popularizou, transformando o computador em máquina de ler, escrever e publicar. É inédito na história da humanidade um dispositivo que articule tantas etapas do processo de edição (da escrita à publicação).

No âmago dessa cadeia, reinam soberanos “sua excelência”, o livro, e respectiva família – revistas e jornais – e uma gama de velhas e novas discussões sobre a extinção do formato impresso e substituição pelo modelo eletrônico.

O lançamento do Kindle, pela Amazon, em 2007, marcou um primeiro movimento de real sucesso da interface de leitura eletrônica em relação à impressa. As vendas nesse formato crescem em velocidade impressionante, mas o mercado literário ainda é dominado pelo impresso. Isso indica a necessidade de melhor avaliação de dados sobre produção e consumo. Indica, também, que há ainda muito a investigar sobre os processos de leitura e suas transformações na passagem de um formato para o outro. Afinal, não se fala de um mundo da leitura sem pressupor uma leitura de mundo, como já assinalou uma das principais estudiosas da história da leitura e do livro no Brasil, a crítica literária e professora Marisa Lajolo<sup>2</sup>. As perguntas que parecem não querer calar são: a despeito dos inegáveis sucessos de venda dos novos e-readers e dos tablets, o que tanto fascina na mídia impressa? e o que queremos do formato eletrônico?

O livro é a interface paradigmática da cultura impressa. Pautou e segue pautando ainda nossa compreensão sobre dispositivos de leitura. Isso não é fortuito. Afinal, é provavelmente, o mais estável produto cultural que conhecemos. Do ponto de vista do design, mudou quase nada ao longo de seus mais de 550 anos de história, incorporando, basicamente, os princípios estruturais dos códices medievais: formato retangular, capa, contracapa, miolo (composto de folhas dobradas em quatro) e lombada.



Conhecido desde século I, o códice representou radical ruptura com as formas de organização do texto, até então vinculadas aos pergaminhos. Dominante a partir do século IV, como dispositivo principal de disseminação dos Evangelhos, o códice introduz “a noção de página na economia do livro” e, com isso, “permitirá ao texto escapar da continuidade e linearidade do rolo, inserindo-o na ordem da tabularidade”, liberando o leitor para a leitura descontínua do texto, agora acessível em “módulos” e com maior liberdade de ir e vir entre os diversos blocos do texto.<sup>3</sup>

Tamanha longevidade, em uma cultura do descarte, como a nossa, surpreende. Por um lado, prevalece entre nós a obsolescência programada. Por outro, o lançamento de produtos ainda não realmente prontos é tão comum, que já nos acostumamos com o súbito desaparecimento de um deles. De uma forma ou de outra, o que sobra constitui artefatos passageiros.

À estabilidade do formato impresso contrapõem-se as inúmeras mortes e ressurreições do livro eletrônico, sempre entendido como plataforma muito mais abrangente. Ele é acima de tudo um dispositivo de leitura que carrega jornais, anotações, revistas, imagens e, obviamente, livros propriamente ditos. Anunciado desde meados dos anos 90 como produto revolucionário, por conter todas essas características, enfrentou ao longo dos anos uma história de sequenciais fracassos.

Uma anedota corrente em 2000, em palestras sobre e-books e o futuro da leitura, costumava encenar uma situação em que alguém diria sobre nós e nosso presente: eles viviam em uma época em que as bibliotecas continham livros que não “conversavam” entre si. Esse comentário, disse o especialista no tema Clifford Lynch, traduzia a expectativa de que o livro, no formato eletrônico, se transformaria em uma estrutura ativa de conhecimento. Projetava-se aí, portanto, algo além de uma evolução no suporte: a expectativa que o formato eletrônico desperta não se resume à portabilidade e à facilidade de acesso, mas, acima de tudo, a um novo capítulo na história da leitura.<sup>4</sup>

Entre meados dos anos 90 e o começo da década seguinte, presenciamos o lançamento de livros e revistas em disquete, CD-ROM, e-readers e programas para criação de narrativas eletrônicas. Todos foram lançados com estardalhaço. Poucos sobreviveram (na lembrança e nas implicações históricas). Disquetes – que tiveram, aliás, formato específico para livros, o DBF – desapareceram sem deixar poeira, saudade ou rastro. E-readers, como o Rocket e o SoftBook, faliram, mas programas leitores, como o Adobe

Reader (definitivamente, o campeão), tornaram-se parte do nosso cotidiano. Softwares para criação de literatura hipertextual, como o Storyspace, apesar de não terem conseguido muitos frutos importantes, estão diretamente ligados à história da e-literatura, a partir de “clássicos” como *Afternoon, a Story*, de Michael Joyce<sup>5</sup> e *Grammatron*, de Mark Amerika.<sup>6</sup>

No Brasil, também houve uma experiência interessante, a revista NEO Interativa, de Ricardo Anderás, Silvio Gianinni e Luis Henrique Moraes, que circulou de 1994 a 1997 e publicou algumas pérolas da história da escritura eletrônica, como o artigo, de Marion Strecker,<sup>7</sup> sobre a exposição de Amelia Toledo no Masp (1994). Concentrado em uma tela, era escrito inteiramente sobre a planta expositiva, tirando partido dos embrionários recursos de navegação, com as informações ocultas sob as imagens das obras.

Ainda com produção do grupo que editava a NEO, é inesquecível o CD-ROM do *Arte/Cidade 2, A cidade e seus fluxos*.<sup>8</sup> Com curadoria de Nelson Brissac Peixoto, reuniu os participantes dessa edição do projeto de intervenções urbanas para explorar outra escala, circunscrita ao ambiente digital, expandindo o raio da interrogação sobre fluxos urbanos para outras plataformas, sem recair em meras transposições figurativas ou exercícios banais de simulação. Em alguns casos, como no de Anna Muylaert (*Do inferno ao céu*) e Artur Matuck (*Trabalhando no vermelho*), propunham-se arranjos narrativos não lineares e capazes de explorar os processos de ‘linkagem’ como níveis de simbólicos, que hoje começam, ainda timidamente, a ser recuperados no âmbito dos tablets e iPads.<sup>9</sup>

Impossível não lembrar a excelência dos livros multimídia da Voyager, de Bob Stein, que depois fundou o Institute for the Future of the Book e que hoje dirige um projeto de rede social inteiramente devotado à leitura. Seu conceito de livro expandido é cada vez mais pertinente.

As possibilidades abertas pela web levaram ao limite essas primeiras experiências radicais e evidenciaram a timidez da primeira onda dos e-readers. Eles pareciam pretender enunciar uma revolução na leitura quando nem sequer indicavam grande evolução em relação ao livro impresso.

A história das máquinas de leitura sonhadas pela humanidade desde o aparecimento do livro impresso na Renascença mostra que o que perseguimos é um livro sem margens e sem fronteiras, capaz de permitir a costura (ou a ‘linkagem’) de passagens

dispersas, que relativizem o limite imposto pelo volume dos textos. É nessa direção que caminha toda a pesquisa contemporânea de tecnologia de telas e conexão, cada vez mais orientadas para a fruição compartilhada entre monitores de diferentes portes e não nos monitores em si.

Tudo indica que os próximos capítulos da história da leitura devem desenrolar-se além dos limites das molduras definidas pelas bordas das telas ou das margens papel. Eles apontam para o rompimento com o imaginário clássico do mundo enquadrado pela página (ou pelo limite da tela) visando aderir à experiência da leitura mediada pelas redes.

### **Leitores-curadores**

Esse tipo de movimentação rompe com a compreensão emoldurada pela tela e alimenta um leitor 2.0, nômade, que lê em distintos dispositivos e que parece não se contentar mais com a função de consumidor de conteúdo, passando a operar como curador de informação. Discussão praticamente inexistente no campo da artemídia – em que até recentemente se concentravam os debates sobre curadoria on-line –, a ideia de curadoria de informação aparece com frequência crescente nos blogs de marketing especializados em mídias sociais.

Como tudo que em geral é publicado nessa área, vem acompanhada de frases pretensivas, receitas de sucesso e dicas de tools e apps imperdíveis para “bombar” sua curadoria. Apesar da futilidade desse tipo de abordagem, o assunto é estratégico para pensar novos formatos de produção e distribuição do conhecimento em uma cultura de rede orientada para a inteligência distribuída e que se defronta com um contexto informacional estimado em mais de cinco milhões de Terabytes. Esse foi o tamanho da massa de dados disponíveis na web revelado por um dos fundadores do Google, Eric Schmidt, em 2005, quando era o CEO da empresa.<sup>10</sup>

Hoje esse número é certamente maior. Tomando como base a quantidade de páginas indexadas pelo Google, o maior e mais acessado mecanismo de busca da internet, pode-se ter uma noção do crescimento da massa de informações disponíveis na rede. Em 1998, elas eram 23 milhões. Por volta de 2000, um bilhão. Hoje, cerca de 50 bilhões de páginas.<sup>11</sup>

Há, contudo, muita dificuldade em calcular o tamanho da web, haja vista a diversidade de parâmetros que podem ser utilizados. Ainda que seja difícil mensurar o tamanho exato da Internet, pode-se, entretanto, com segurança afirmar que nunca na história da humanidade houve expansão da produção de informações visuais, sonoras e textuais equivalente à atual.<sup>12</sup>

Entre 1996, data de sua criação, até hoje, a Wayback Machine, um serviço do Web Archive que pretende preservar a memória da internet, acusa dois petabytes de sites arquivados em seus servidores, o que equivale a meio milhão de DVDs cheios.

Para se ter uma ideia do que isso significa, basta lembrar que a Biblioteca do Congresso Americano, reuniu em seu acervo – o maior do mundo –, entre 1815, ano de sua fundação, e 2010, 33 milhões de livros que, se digitalizados em sua totalidade, somariam 10 terabytes. O Internet Archive cresce, por mês, 20 terabytes (mais ou menos sete mil notebooks). Em outras palavras, o Internet Archive cresce por mês duas Bibliotecas do Congresso Americano e seu patrimônio bibliográfico de dois séculos de história (The Internet Archive s.d<sup>13</sup>).<sup>14</sup>

Porém, nem a Biblioteca do Congresso é apenas feita de textos, nem o dia a dia da internet é povoado só por conteúdo escrito. Para se ter uma noção da produção de conteúdo na atualidade é preciso levar em conta outros formatos de comunicação. Os dados são ainda mais impressionantes, caso ainda parem dúvidas sobre a afirmação de que vivemos um momento sem precedentes na história cultural da humanidade, em termos de produção e distribuição do conhecimento produzido.

Tomemos os dados de alguns dos maiores serviços de compartilhamento de imagens como base da discussão. O Flickr, importante rede de fotografia, registrava, em 2007, dois bilhões de fotos em seus servidores. Em 2012, esses números triplicaram. São seis bilhões de fotos armazenadas e, a cada minuto, 2.500 fotos lhe são acrescentadas. Nesse mesmo curtíssimo espaço de tempo, (um minuto), 60 horas de vídeo são disponibilizadas no Youtube e 500 tweets apontam para links de vídeos. Isso não é nada comparado aos 14 bilhões de fotos armazenados no Facebook. Fermentadas por dispositivos móveis, redes sociais e aplicativos, como o Instagram, redefinem a comunicação humana, que cada vez mais passa ser feita por imagens.<sup>15</sup>

Essa comunicação visual, porém, está longe de significar a abolição do texto ou alguma atrofia no repertório cognitivo. Pelo contrário. Ela só existe e cresce para ser

'linkada', 'likada' ("curtida") e comentada. E é justamente essa prática cultural do comentário e do compartilhamento o que legitima a demanda de curador de informação, o filtro pessoal pelo qual a avalanche de conteúdo produzido é tratada, permitindo que os dados possam ser organizados na forma de informações.

Não à toa, rivalizam com o sucesso das revistas de arte e cultura contemporânea, como a POST Matter<sup>16</sup> – a melhor das exclusivamente produzidas para iPad –, os agregadores como Zite,<sup>17</sup> Flipboard<sup>18</sup> e Taptu.<sup>19</sup>

Todas essas plataformas têm como denominador comum a oferta de fontes de informação e temas de interesse que são selecionados pelo assinante para que gere sua revista personalizada. No caso do Flipboard e do Taptu, o assinante seleciona seus temas de interesse e as fontes de informação – redes sociais e/ou serviços noticiosos (de portais a jornais).

No Zite, a programação é mais complexa. O assinante seleciona seu temas de interesse e autoriza o aplicativo a analisar suas redes sociais. Com base em seu perfil no Twitter e no Facebook e no conteúdo que o proprietário disponibiliza e consome nessas redes, o Zite seleciona as fontes e os conteúdos. Funciona surpreendentemente bem e é o mais sofisticados desse tipo de aplicativo. É o único também que contempla especificamente a área de artes e new media art, muito embora fotografia, cinema e design sejam editorias bem apuradas em todos os aplicativos do gênero.

Em nossa experiência editorial com a revista seLecTenfrentamos diariamente essas questões. Dedicada a artes visuais, tecnologia, design, arquitetura e cultura contemporânea, a revista é integralmente pautada pelas especificidades dos formatos de publicação em que operamos: impresso, web site e iPad, com atenção particular às especificidades da leitura em rede.

Sem entrar no debate, que nos parece escatológico, sobre o suposto fim da mídia impressa, assumimos uma ideia cara a Lev Manovich: toda interface é cultural. Cada interface possui gramáticas próprias e está relacionada a determinados tipos de dados, como o livro e a palavra impressa, o cinema e a imagem em movimento, e, mais recentemente, as HCIs (Human-Computer Interface, Interface humano-computador) que hibridizam elementos de tradições culturais anteriores, ao mesmo tempo que propõe outras, novas.<sup>20</sup>

Essa abordagem nos permite entender que mais do que meros receptáculos de textos e imagens, as interfaces ‘performatizam’ e incorporam um conjunto de práticas sociais e culturais nas quais as significações são construídas. Esse conjunto, que remete a gestos, hábitos, instrumentos de visão, espaços, regimes jurídicos, objetos e posturas físicas, constitui distintos contextos de leitura. No que diz respeito ao contexto de leitura digital, interessam-nos as particularidades da leitura em rede e seu potencial para o fenômeno da “leitura social” (social reading), feita em sincronia com outros leitores e sendo por eles modificada.<sup>21</sup>

Com assinalamos, a principal particularidade da leitura em rede em relação à impressa reside no fato de que ela ocorre em máquina que é, a um só tempo, de ler, de escrever e de publicar, cabendo ao leitor reconfigurar tanto a função do dispositivo em relação ao conteúdo (correio ou jornal, por exemplo) quanto a natureza da atividade (leitura, escrita ou publicação). Isso nos traz a um contexto de leitura sem precedentes, no qual a interface, e não a mídia, é a mensagem.

Roger Chartier assinala:

Na cultura impressa, uma percepção imediata associa um tipo de objeto, uma classe de textos e usos particulares. A ordem dos discursos é assim estabelecida a partir da materialidade de seus suportes: a carta, o jornal, a revista, o arquivo etc. Isso não acontece mais no mundo digital, onde todos os textos, sejam eles quais forem, são entregues à leitura num mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitores).<sup>22</sup>

Na atual paisagem midiática, essas máquinas de ler, escrever e publicar distribuem-se em uma série de novas plataformas. Celulares, tablets e ambientes permeados por dispositivos controlados por voz e sensores de presença e movimento, como as plataformas para jogos Wii e Xbox, são algumas delas. Separadamente e em conjunto, modificam substancialmente os contextos de leitura e as formas de recepção de conteúdo visual e sonoro.

Mediados pelos recursos da web 2.0 (redes e softwares sociais, como Facebook e blogs), desafiam-nos a dialogar a um só tempo com um novo leitor/interator nômade, que vê com as mãos, pensa com o corpo e tem sua atenção distribuída entre diversas plataformas. O compartilhamento, nesse contexto, ocupa lugar central,

demandando novas interfaces adequadas à experiência da leitura socializada, além das margens estáticas da página impressa e em sintonia com a cultura de rede.

Atentos a esse processo, elaboramos, a convite da Bienal de São Paulo o aplicativo #30Bienal\_seLecTed,<sup>23</sup> que permitia a qualquer pessoa, via celular ou tablet, conhecer conceitos, artistas, obras e programação da Bienal. Além de constituir viagem imersiva, possibilitava que cada visitante criasse e compartilhasse com os demais suas próprias constelações de obras e conceitos contidos na exposição, expandindo e multiplicando aquilo que era visto no recinto da mostra.

Procuramos traduzir visualmente o conceito de “constelações”, que regia a exposição A iminência das poéticas, agenciando outras leituras e percepções implícitas na proposta curatorial dessa edição, e trabalhando as diferenças de leitura do visitante via celular e tablet.

No primeiro caso, privilegiamos a leitura descontínua, curta, pontual e objetiva, disponibilizando informações básicas sobre artistas, obras e programação da 30a Bienal, funcionando como guia para o visitante. Já no aplicativo para iPad criamos uma interface inovadora, que possibilitava, além da informação básica, a navegação expandida por conceitos, referências e repertórios que não estavam necessariamente presentes no recinto da mostra, mas que certamente poderiam contribuir para o entendimento da Bienal.

O elemento mais interessante do aplicativo nessa plataforma, contudo, foi o modo pelo qual se exploraram a experiência da leitura em rede e a emergência do leitor-curador de informação. Toda navegação feita pelo visitante era imediatamente arquivada, compondo um mapa de suas seleções e um registro gráfico do modo como chegou a cada conteúdo. Esse mapa era oferecido ao compartilhamento via Facebook e Twitter, criando uma dinâmica de acesso em que a figura do leitor se desdobrava na do curador como filtrador e na conversão da plataforma de leitura em espaço de curadoria informacional. Isso, em conjunto, punha em curso um princípio de subversão da “revista multimídia”, muitas vezes mera versão animada do que já se faz no meio impresso, para apontar outras vocações e potências em aberto do texto eletrônico: um texto sem margens ‘empoderado’ pelas distintas formas de curadoria de informação de seus leitores em rede.

---

<sup>1</sup> Giselle Beiguelman é midiartista e professora da FAU-USP. Atua nas áreas relacionadas à criação e crítica de artemídia. Suas obras incluem intervenções em espaços públicos, projetos em rede e imagem digital. Dentre suas curadorias, destaca-se Tecnofagias (3a Mostra 3M de Arte Digital, Instituto Tomie Ohtake, 2012). Editora da revista *seLect*, é autora de *Nomadismos tecnológicos* (com Jorge La Ferla), 2011, entre outros. [www.desvirtual.com](http://www.desvirtual.com)

<sup>2</sup> Lajolo, Marisa. *Do mundo da leitura à leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1999.

<sup>3</sup> Vendendorpe, Christian. *Du papyrus à L'hypertext: essai sur les mutations du texte e de la lectures*. Paris: La Decouverte, 1999.

<sup>4</sup> Lynch, Clifford. The Battle to Define the Future of the Book in the Digital World. *First Monday* 6, n. 6-4 (June 2001): <http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/864/773>.

<sup>5</sup> Joyce, Michael. *Afternoon, a story*. disquete. Boston: Eastgate, 1991.

<sup>6</sup> Amerika, Mark. *Grammatron*. Boston; Eastgate, 1995

<sup>7</sup> NEO Interativa. Vol. 1. CD-ROM. São Paulo: Próxima Mídia Interativa. Outono 1994.

<sup>8</sup> Arte/Cidade. *A cidade e seus fluxos*. CD-ROM. Peixoto, Nelson Brissac (org.). São Paulo: Próxima Mídia Interativa. 1994.

<sup>9</sup> Foge aos propósitos desse artigo a discussão detalhada desse CD-ROM e suas obras. Uma análise em profundidade desses projetos pode ser consultada em outro ensaio (Beiguelman, Giselle. Obra de não referência: a cidade e seus fluxos. In Peixoto, Nelson Brissac (org.). *Intervenções Urbanas*. São Paulo: Editora Senac, 2012, p. 296-301.).

<sup>10</sup> Schmidt, Eric. Technology is making marketing accountable. *October*, 8, 2005. <http://www.google.com/press/podium/ana.html> (acesso em 12/12/2012).

<sup>11</sup> Note-se que nos referimos aqui ao número de páginas indexadas e não o de páginas processadas pelo Google. Nesse caso, o último número divulgado pela empresa, em 2008, registrava 1 trilhão de URLs. Alpert, Jesse, and Hajaj, Nissan. *We knew the web was big...* July 25, 2008. <http://googleblog.blogspot.com.br/2008/07/we-knew-web-was-big.html> (acesso em 12/12/2012). Ver também Kunder, Maurice de. *World Wide Web Size*. June 2012, 2012. <http://www.worldwidewebsite.com/> (acesso em 12/12/2012)

<sup>12</sup> McGuigan, Brendan. *How Big is the Internet?* June 02, 2012. <http://www.wisegeek.com/how-big-is-the-internet.htm> (acesso em 12/12/2012).

<sup>13</sup> The Internet Archive. *The Wayback Machine*. s.d s.d., s.d. [http://archive.org/about/faqs.php#The\\_Internet\\_Archive](http://archive.org/about/faqs.php#The_Internet_Archive) (acesso em 12/12/2012).

<sup>14</sup> Raymond, Matt. *How 'Big' Is the Library of Congress?* February 11, 2009. <http://blogs.loc.gov/loc/2009/02/how-big-is-the-library-of-congress/> (acesso em 12/12/2012).

<sup>15</sup> Beiguelman, Giselle; Pugens, Bruno. Imagens on-line. *SeLect* (Editora3), n. 6 (Jun/Jul 2012), p. 36, 37

<sup>16</sup> Post Matter. <http://itunes.apple.com/us/app/post-matter/id410859617?mt=8>.

<sup>17</sup> Zite. <http://www.zite.com/>.

<sup>18</sup> Flipoard. <http://flipboard.com/>.

<sup>19</sup> Taptu. <http://www.taptu.com/>.

<sup>20</sup> Manovich, Lev. *The Language of New media*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001, p. 69-72.

<sup>21</sup> Stein, Bob. A Taxonomy for Social Reading. <http://futureofthebook.org/social-reading/> (acesso em 12/12/2012).

<sup>22</sup> Chartier, Roger. Morte ou trasfiguração do leitor? In *Os desafios da escrita*, trad. Fulvia M. L. Moretto, São Paulo: Editora Unesp, 2002, p. 109.

---

<sup>23</sup> seLecT. "#30BienalseLecTed." 2012. [http://www.select.art.br/article/da\\_hora/bienal-no-tablet](http://www.select.art.br/article/da_hora/bienal-no-tablet) (acesso em 12/12/2012).

